

HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS:

Perspectivas
Teóricas,
Metodológicas
e de
Investigação

Luis Fernando González-Beltrán
(organizador)



EDITORA
ARTEMIS
2023

HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS:

Perspectivas
Teóricas,
Metodológicas
e de
Investigação

Luis Fernando González-Beltrán
(organizador)



EDITORA
ARTEMIS
2023



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos os manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizador	Prof. Dr. Luis Fernando González-Beltrán
Imagem da Capa	Bruna Bejarano, Arquivo Pessoal
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Prof.^a Dr.^a Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México



Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal, Canadá*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointner Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. José Cortez Godínez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil

Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.ª Dr.ª Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil
Prof.ª Dr.ª Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University*, Russia
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León*, Espanha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

H918 Humanidades e ciências sociais [livro eletrônico] : perspectivas teóricas, metodológicas e de investigação: vol. I / Organizador Luis Fernando González-Beltrán. – Curitiba, PR: Artemis, 2023.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-89-7

DOI 10.37572/EdArt_290723897

1. Ciências sociais. 2. Humanidades. I. González-Beltrán, Luis Fernando.

CDD 300.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



PRÓLOGO

Todos sabemos que las Ciencias se han dividido en Naturales y Sociales, y a su vez, en múltiples subdivisiones, teniendo Física y Química, Economía y Sociología, por mencionar algunas. Este afán de analizar, de desmenuzar el objeto de estudio no ha tenido un contrapeso en la función de síntesis, de volver a reconstruir dicho objeto de estudio. Y así, queda el conocimiento en esas parcelas, en espera de que el estudioso aborde la tarea de reunir la información en un todo coherente, integral. No esperamos que la síntesis surja sola, por lo que en esta obra se ofrecen textos de Humanidades y Ciencias Sociales de múltiples disciplinas, con ópticas distintas y objetivos diversos, pero que en todos los casos tienen como foco al ser humano, desde el individuo: su salud, su bienestar, hasta los diferentes contextos en que se desenvuelve y relaciona: la escuela en todos los niveles, y hasta su comunidad, los movimientos sociales; el combate a la violencia; a la pobreza; y la integración regional.

Pero la obra no se limita a la diversidad disciplinaria, conlleva varios marcos teóricos, y distintas aproximaciones metodológicas; y de investigaciones llevadas a cabo por especialistas de varios países. Y los temas son de urgente actualidad: problemas de salud que compartimos por nuestra condición vulnerable de seres humanos, no solo nos referimos a la pandemia, que esta bastante representada en todo el volumen, se incluyen enfermedades en pleno auge como la diabetes, la bulimia y problemas de salud mental. Sin dejar de lado los factores de riesgo que podrían ser los antecedentes de dichas condiciones médicas.

La obra presenta 15 investigaciones agrupadas en tres secciones temáticas: a) El individuo: Salud y Bienestar; b) La escuela: Enseñanza Aprendizaje; y c) La comunidad: Sociología y Política. Suponemos que esta organización ayudará a obtener un conocimiento si no exhaustivo, al menos insertado en un contexto de mayor globalidad.

Les deseamos a todos una agradable lectura!

Luis Fernando González-Beltrán
Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

SUMÁRIO

EL INDIVIDUO: SALUD Y BIENESTAR

CAPÍTULO 1..... 1

ANÁLISIS COMPARATIVO DEL APOYO FAMILIAR EN LA ADHERENCIA AL TRATAMIENTO DE LA DIABETES TIPO 2

Maricarmen Moreno Tochihuitl
Jorge Antonio Ramos Vázquez
María Verónica Huerta Vázquez
Miguel Ángel Zenteno López
Carmen Cruz Rivera
Guillermina García Madrid

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2907238971

CAPÍTULO 2..... 10

BULIMIA UNA ALTERACIÓN ALIMENTARIA EN ESTUDIANTES DE NIVEL MEDIO SUPERIOR DEL ESTADO DE MÉXICO

Irma Guillermina Cázares Méndez
Trinidad Mejía Coahuila
José Juan Alcántara Araujo
Norma Cázares Méndez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2907238972

CAPÍTULO 3..... 16

IMPACTO DA PANDEMIA NA VIVÊNCIA ACADÊMICA DE ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS PARTICULARES DOS/AS ESTUDANTES INTERNACIONAIS

Helena Sofia Pacheco Veiga
Helena Sofia Rocha Lopes

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2907238973

CAPÍTULO 4..... 27

NIVEL DE ESTRÉS DE DOCENTES UNIVERSITARIOS EN LATINOAMÉRICA EN TIEMPOS DE COVID-19

José Ángel Meneses Jiménez
Pedro Julián Ormeño Carmona

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2907238974

CAPÍTULO 5.....47

EFFECTO GENERADO POR EL COVID-19 EN LA SALUD DE ALUMNOS DE ESCUELA PRIMARIA DE ZACATECAS, MÉXICO

Jesús Rivas Gutiérrez
Luz Elena Aguayo Haro
María Dolores Carlos Sánchez
José Ricardo Gómez Bañuelos
Martha Patricia Delijorge-González
Georgina del Pilar Delijorge-González
Daniela del Carmen Zamarrón Gracia

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2907238975

CAPÍTULO 6..... 61

REDES SOCIALES, EL COVID-19 Y LAS CAMPAÑAS MEDIÁTICAS SOBRE EL CORONAVIRUS EN PUERTO RICO

Iván de la Cruz Cuebas

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2907238976

LA ESCUELA: PROCESO DE ENSEÑANZA APRENDIZAJE

CAPÍTULO 7.....74

A IMPORTÂNCIA DO COMBATE AO INSUCESSO ESCOLAR PRECOCE

Cátia Rosário
António Augusto Costa
Manuela Hélène Silva

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2907238977

CAPÍTULO 8..... 90

A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO FONTE DE INFORMAÇÃO PARA LEITURA E FORMAÇÃO DE LEITORES: ABORDAGEM SOBRE FONTES DE INFORMAÇÃO

Jurai Borges Carvalho

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2907238978

CAPÍTULO 9..... 100

ANÁLISIS DEL IMPACTO DEL PROGRAMA SOCIAL UPB PERAJ ADOPTA UN AMIG@ EN ESTUDIANTES DE LA UNIVERSIDAD POLITÉCNICA DEL BICENTENARIO

Izchel Gómez Pérez

Paola Abigail Escobedo Rodríguez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2907238979

CAPÍTULO 10..... 110

LA VIRTUALIDAD COMO ALTERNATIVA DE PRESENTACIÓN DE DOCUMENTOS RECEPCIONALES DE PEDAGOGÍA DEL SISTEMA DE ENSEÑANZA ABIERTA, UNIVERSIDAD VERACRUZANA

Juana Velásquez Aquino

Samuel Jiménez Abad

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29072389710

CAPÍTULO 11..... 119

A PROPÓSITO DE LA DIMENSIÓN CULTURAL EN LA FORMACIÓN DE TRABAJADORES SOCIALES EN EL SUR OCCIDENTE COLOMBIANO

Lina Juliana Robayo Coral

Wilson Noe Garcés Aguilar

Karen Liceth Ulabarry Medina

Dayra Trochez Vasquez

Daniela Fernandez Catacoli

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29072389711

LA COMUNIDAD: SOCIOLOGÍA Y POLÍTICA

CAPÍTULO 12..... 125

LA PARADOJA DEL DESARROLLO: CONSULTAS COMUNITARIAS EN LA POSGUERRA GUATEMALTECA

Vaclav Masek

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29072389712

CAPÍTULO 13..... 151

LA UNIÓN DE NACIONES SURAMERICANAS: LA CREACIÓN DE OTRA INICIATIVA POLÍTICA DE INTEGRACIÓN REGIONAL

Javier Fernando Luchetti

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29072389713

CAPÍTULO 14..... 161

O TRABALHO SOCIAL EM UNIDADES POLICIAIS NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA NO CONTEXTO AMAZÔNICO

Verônica do Couto Abreu

Vera de Souza Paracampo

Graciane Rodrigues Lucas de Almeida

Lana Angélica de Souza Palheta

Gabriele de Souza Cardoso

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29072389714

CAPÍTULO 15..... 177

ESTUDO DA PRIVAÇÃO MATERIAL: UMA ABORDAGEM LONGITUDINAL

Paula C. R. Vicente

 https://doi.org/10.37572/EdArt_29072389715

SOBRE O ORGANIZADOR..... 192

ÍNDICE REMISSIVO 193

ESTUDO DA PRIVAÇÃO MATERIAL: UMA ABORDAGEM LONGITUDINAL

Data de submissão: 29/06/2023

Data de aceite: 13/07/2023

Paula C. R. Vicente

Universidade Lusófona
Centro Universitário de Lisboa
ECEO, COPELABS
Lisboa, Portugal
Ciência Vitae: 5D16-1174-1546
ORCID: 0000-0001-7736-0520

RESUMO: Estudos sobre a pobreza são usualmente baseados no rendimento disponível dos agregados, mas esta abordagem pode não refletir a realidade para alguns grupos da população. Por outro lado, algumas famílias podem ter disponibilidade de outros recursos tal como poupanças ou ajuda da família ou amigos. Assim, uma medida de privação material pode ser o mais adequado para aferir o nível e a qualidade de vida das famílias. Usando dados da participação portuguesa na base de dados europeia EU-SILC, este estudo pretende estudar a privação material nas suas várias dimensões. Foi utilizado um modelo de análise fatorial confirmatória em cada um dos diferentes anos, 2007 e 2015, com o objetivo de validar a estrutura fatorial proposta e perceber o peso de cada uma

das dimensões da privação material na definição deste conceito. Posteriormente, foi considerada uma abordagem longitudinal do conceito, recorrendo a uma análise multi-grupos. Este procedimento permitiu verificar a existência de um nível de privação material dos agregados diferente nos dois momentos temporais. Foi ainda, considerada a existência de crianças, a dimensão do agregado e a área de residência como possíveis variáveis explicativas deste conceito, recorrendo a um modelo de equações estruturais.

PALAVRAS-CHAVE: Análise longitudinal. Modelo de Equações Estruturais. Privação Material.

MATERIAL DEPRIVATION: A LONGITUDINAL APPROACH

ABSTRACT: Studies on poverty are often based on household disposable income, but this approach does not always reflect the reality for some population groups, such as the self-employed. On the other hand, some families may have availability of other resources such as savings or family or friends support. So, the use of a material deprivation concept in the study of the degree and quality of life of families should be considered. Using data from the portuguese participation in the european database EU-SILC, this study aims evaluating the household's material deprivation, considering this concept measured in several dimensions. A confirmatory factor analysis

model was considered for each of the different years, 2007 and 2015, in order to validate the proposed factor structure and to assess the weight of different dimensions of material deprivation in the definition of this concept. After, with the aim of conducting a longitudinal analysis, a multigroup approach was used to verify the existence of different households' behaviour in the two time points. Results show that, there are differences in material deprivation experienced by households in the years of 2007 and 2015. In order to explain household's material deprivation three explanatory variables are considered, the existence of children in the household, household dimension and the area of residence. A structural equation model is considered.

KEYWORDS: Longitudinal analysis. Material Deprivation. Structural Equation Model.

1 INTRODUÇÃO

A definição e quantificação da pobreza não tem sido consensual, dada a complexidade deste conceito. Pois, embora o estudo da pobreza seja muitas vezes feito com base no rendimento disponível, esta abordagem pode não refletir de maneira correta a realidade para alguns grupos da população, tais como pessoas cujos rendimentos são gerados pela economia paralela. Por outro lado, alguns agregados podem ter disponibilidade de outros recursos, tais como, poupanças ou ajudas de familiares ou amigos. De acordo com Townsend (1979), a pobreza é a falta de recursos para assegurar uma dieta, participar em atividades, ter as condições de vida e possuir os bens que são considerados habituais, ou pelo menos usuais, na sociedade em que o indivíduo ou agregado está inserido. Assim, a pobreza pode ser considerada sobre dois diferentes aspetos, monetário e não monetário, isto é, situação financeira e privação material, muito embora estes aspetos possam ser difíceis de separar.

Ao contrário de Townsend (1979) que considerou a falta de um item como implicando privação, Mack and Lansley (1985) introduziram o conceito de ausência forçada e tem sido este o conceito que é usualmente utilizado na definição de privação material. Assim, a privação material corresponde à ausência forçada de um conjunto de bens que contribuem para as condições materiais de vida e conseqüentemente para considerar que o indivíduo ou agregado tem qualidade de vida. Este conjunto de bens pode ser, condições da habitação, posse de bens, capacidade financeira para assegurar as suas necessidades básicas, tais como, alimentação, roupa, atividades sociais ou despesas correntes ou inesperadas ou ainda condições ambientais do local de residência (Guio, 2009; Guio e Marlier, 2013; Whelan et al., 2001; Whelan e Maître, 2012; Dekkers, 2008; Halleröd et al., 2006; Pérez-Mayo, 2005).

No entanto, de acordo com Halleröd et al. (2006) e Nolan e Whelan (2010) deve considerar-se que as condições finais de um indivíduo ou agregado podem diferir

entre pessoas com os mesmos recursos, dependendo das necessidades, condições de saúde, meio social ou outras razões pessoais. Por outro lado, deve ter-se presente que as expectativas do indivíduo, assim como o seu bem estar material, tendem a aumentar com o aumento do rendimento disponível e a diminuir com a pobreza de longa duração. Consequentemente, indivíduos com baixos recursos podem dizer não querer bens que para eles são impossíveis de assegurar (Halleröd, 2006). Além disso, outros podem sentir-se desconfortáveis em admitir que não conseguem ter acesso a determinados bens (Sen, 1987).

De acordo com Paugam (1996), o nível de privação não depende só da falta de recursos para satisfazer necessidades básicas, mas deve também ser alargado a uma conceito de exclusão social. Mais tarde, Saunders et al. (2008) reiteram esta ideia, tendo estes autores discutido a existência de diferentes indicadores de exclusão social que foram estabelecidos ao longo da década de 2000. Um estudo de comparação entre os indicadores de privação material e privação social pode ser encontrado em Fabrizi et al. (2023).

Neste estudo, os dados da participação portuguesa no inquérito europeu ao rendimento e às condições de vida EU-SILC (*European Statistics on Income and Living Conditions*) são utilizados para estudar o conceito de privação material em três diferentes dimensões. As dimensões consideradas são: 1) capacidade financeira para assegurar as necessidades básicas; 2) posse de bens; e 3) condições da habitação. Para perceber o peso de cada uma destas dimensões na definição do conceito de privação material foi utilizada uma análise fatorial confirmatória em cada um dos anos de 2007 e 2015. Posteriormente, foi considerada uma abordagem longitudinal do conceito, usando dados transversais, com o recurso a uma análise fatorial confirmatória multi-grupo. Este procedimento permite estudar a estabilidade temporal do conceito de privação material, uma vez que entre estes dois momentos de tempo o país passou por uma crise económica. O impacto da existência de crianças no agregado, a dimensão do agregado e a área de residência no conceito de privação material foi ainda estudado recorrendo a um modelo de equações estruturais.

2 PRIVAÇÃO MATERIAL

As dimensões da privação material, tal como o número de itens em cada dimensão, têm sido debatidos por vários autores que estabelecem este conceito como multidimensional. Todavia, estes trabalhos nem sempre se têm mostrado consensuais quanto ao número de dimensões a considerar na definição do conceito de privação

material, sendo naturalmente condicionados pelas perguntas disponíveis nas bases de dados utilizadas (Guio, 2009; Whelan e Maître, 2007).

Betti e Verma (2004) e Betti et al. (2011) consideraram cinco dimensões na definição de privação material: 1) privação de um nível de vida básico, tal como, falta de capacidade financeira para manter a casa aquecida, pagar uma semana de férias, substituir o mobiliário estragado, comprar roupa nova, assegurar uma alimentação com carne e peixe, a cada dois dias, tomar uma refeição ou bebida com a família ou amigos ou assegurar o pagamento de despesas correntes; 2) privação não monetária secundária, ou seja, falta de capacidade financeira para possuir bens como carro, televisão, telefone, máquina de lavar loiça e micro-ondas; 3) comodidades na habitação, como por exemplo, não ter duche ou banheiro, não ter uma retrete e não ter água quente; 4) deterioração da habitação, isto é, telhado com infiltrações, paredes/tetos/chão danificados e janelas estragadas; e 5) problemas ambientais da vizinhança, tais como, vandalismo, poluição, não existência de iluminação pública e barulho.

Por outro lado, Eroglu (2007) considera a privação medida em três dimensões: 1) monetária, com itens tais como, rendimento, ativos financeiros e não financeiros; 2) consumo, na qual são considerados, a alimentação, educação, saúde, habitação, roupas, lazer, bens para a habitação e serviços públicos da área de residência; e 3) relacionada com o trabalho, em que são consideradas questões como as horas de trabalho, a segurança social no trabalho, assim como a proteção da saúde e do risco.

Em 2007 Whelan e Maître consideram cinco dimensões para a privação material: 1) constrangimentos económicos, consistindo de 11 itens relacionados com alimentação, roupa, mobiliário, dívidas e participação numa normal vida social; 2) consumo, nesta dimensão é considerada a posse de bens e consiste em 19 itens; 3) comodidades da habitação, com quatro itens, como por exemplo, ter casa de banho ou água quente corrente; 4) ambiente na vizinhança, com cinco itens, tais como, poluição, ruído, violência, crime, vandalismo, ruído e casa sem luz; e 5) condição de saúde, com três itens relacionados com a avaliação da saúde do indivíduo. Todavia, mais tarde, Whelan e Maître (2012) consideram a privação material medida em seis dimensões: 1) privação básica, considerando itens relacionados com a falta de capacidade financeira para assegurar alimentação, roupa, atividades de lazer, férias e casa aquecida; 2) privação de consumo, em que são considerados itens como, computador pessoal, acesso à internet e posse de um automóvel; 3) comodidades da habitação, com itens como, ter duche, retrete, água quente corrente e máquina de lavar roupa; 4) ambiente na vizinhança, com itens como, crime/violência/vandalismo na área de residência, poluição e equipamentos públicos danificados; 5) saúde, com itens como, estado geral de saúde, doenças crónicas

ou incapacidade; e 6) acesso a serviços públicos, na qual é considerado a acesso a transportes e serviços bancários e postais.

Nolan e Whelan (2010) enfatizam o facto de que o número de questões disponíveis no inquérito que procede à recolha de dados determina o número de dimensões a serem consideradas na definição de privação material. Estes autores consideram cinco dimensões da privação material, no seu estudo tendo por base o ECHP (*European Community Household Panel*) e três dimensões quando são utilizados os dados do EU-SILC.

Guio (2005) no seu trabalho para estabelecer um indicador de privação material, utilizando os dados do EU-SILC, considera a privação material medida em três dimensões: 1) constrangimentos económicos, consistindo da falta de capacidade financeira para assegurar uma refeição de carne ou peixe, pagar as despesas correntes e os empréstimos, pagar uma semana de férias e manter a casa aquecida; 2) posse de bens, na qual considera, possuir um carro, uma máquina de lavar roupa, um telefone e uma televisão; e 3) condições da habitação, com itens como, ter duche ou banho, retrete, problemas de infiltrações, chão, paredes ou tetos com infiltrações e possuir luz suficiente. Mais tarde, em 2009 é estabelecido um indicador de privação material com base em nove itens, que foram os considerados mais importantes na definição do conceito de privação material. Todavia, em 2013, Guio e Marlier reveêm este indicador que passa a considerar 13 itens.

Todos estes trabalhos mostram a relevância da temática e a diversidade de itens que podem e devem ser usados em diferentes dimensões da privação material, mas deve salientar-se a questão da limitação do número de questões que as bases de dados utilizadas nos diferentes estudos possuem.

No presente trabalho, tendo por base os dados disponibilizados pelo EU-SILC, a privação material foi considerada medida em três diferentes dimensões, constrangimentos económicos, posse de bens e condições da habitação. A dimensão constrangimentos económicos corresponde à ausência de capacidade financeira para: 1) ter uma refeição de carne ou peixe, pelo menos de dois em dois dias; 2) pagar uma semana de férias por ano fora de casa a todo o agregado; 3) suportar despesas inesperadas; 4) ter a casa aquecida; e 5) fazer face às despesas e encargos habituais. Na dimensão posse de bens é considerado não ter disponibilidade económica para possuir: 1) telefone fixo ou móvel; 2) televisão a cores; 3) máquina de lavar roupa; e 4) veículo ligeiro de passageiros ou misto. A dimensão condições da habitação considera ter: 1) telhado que deixa passar água, paredes/fundações/chão húmido, caixilhos ou chão apodrecido; 2) luz insuficiente; 3) ausência de retrete; e 4) ausência de instalações de banho ou de duche no interior.

De salientar que na base de dados EU-SILC as questões sobre a posse de bens permitem distinguir entre a falta do item, motivada pela opção de não o possuir, e a falta forçada do item, isto é, famílias que o queriam ter, mas que não possuem disponibilidade económica para tal. Apenas este último grupo é considerado como estando em privação, excluindo assim preferências e estilos de vida do conceito de privação material (Mack e Lansley, 1985).

3 METODOLOGIA E DADOS

Este trabalho recorre aos dados da participação portuguesa na base de dados europeia EU-SILC. Esta base de dados consiste em informação recolhida de forma longitudinal com periodicidade anual. Contudo, trata-se de um painel rotativo com dinâmica de rotatividade de $\frac{1}{4}$ da amostra, isto é, todos os anos saem 25% dos agregados da amostra e entram outros 25% para substituir os que saem. Consequentemente, os agregados que pertenciam à amostra em 2007, no ano de 2015 já não pertencem. Assim, foram considerados os dados transversais obtidos nos anos de 2007 e 2015, que correspondem, respetivamente, a 4310 e 8731 agregados. Esta discrepância entre o número de famílias inquiridas em cada um dos momentos temporais justifica-se devido à alta taxa de abandono verificada ao longo dos anos. A taxa de entrada no estudo foi aumentada no decurso do tempo por forma a minimizar este problema.

As variáveis consideradas correspondem à soma dos itens em cada uma das três dimensões em análise: i) constrangimentos económicos; ii) posse de bens; e iii) condições da habitação. Deste modo, a variável constrangimentos económicos toma valores numa escala de 0 a 5 itens em privação, a variável posse de bens assume valores de 0 a 4 itens em falta, o mesmo acontecendo com a variável condições da habitação. Por exemplo, para a variável constrangimentos económicos 0 itens significa ter capacidade financeira para: 1) ter uma refeição de carne ou peixe, pelo menos de dois em dois dias; 2) pagar uma semana de férias por ano a todo o agregado; 3) suportar despesas inesperadas; 4) ter a casa aquecida; e 5) fazer face a encargos usuais, ou seja, não estar privado de nenhum dos itens que compõem esta dimensão. Por outro lado, no extremo oposto, quando a variável assume o valor 5 significa que não consegue satisfazer nenhuma destas necessidades (estar totalmente privado). As restantes variáveis têm um comportamento análogo.

Estas três variáveis foram consideradas como indicadores num modelo de medida para o conceito de privação material.

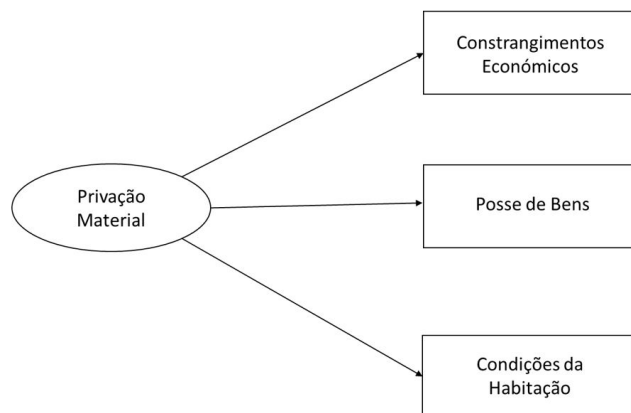
3.1 METODOLOGIA

Com o objetivo de estudar a privação material utilizou-se, em cada um dos dois momentos temporais, 2007 e 2015, um modelo de análise fatorial confirmatória, considerando a privação medidas nas três dimensões, constrangimentos económicos, posse de bens e condições da habitação (figura 1).

A análise fatorial confirmatória, também conhecida por modelo de medida no âmbito dos modelos de equações estruturais, tem sido usada com o intuito de testar a estrutura fatorial das variáveis observadas utilizadas para medir os conceitos latentes. Esta estrutura fatorial é estabelecida a priori, de acordo com o modelo teórico previamente aceite, sendo depois validada, face à amostra obtida, com recurso à análise fatorial confirmatória (Hair et al., 2019).

Para além da componente de medida, que permite estimar as relações entre os construtos latentes e os indicadores de medida observados, os modelos de equações estruturais permitem estimar em simultâneo todas as relações especificadas entre as variáveis latentes. Trata-se da estimação da componente estrutural do modelo.

Figura 1 – Modelo de Análise Fatorial Confirmatória para a Privação Material.



Fonte: Autor (2023, p. 6,11)

A análise fatorial multi-grupos é uma técnica estatística usada para averiguar a existência de diferenças nas relações entre variáveis para vários grupos. Esta técnica pode ser utilizada em distintas áreas do conhecimento, tais como educação, ciências sociais ou psicologia, onde o investigador está interessado em comparar o mesmo modelo entre diferentes grupos, como por exemplo, grupos etários, género, culturas ou países, sendo assim possível compreender e melhorar as relações entre variáveis em diferentes contextos. Se na análise os grupos considerados forem diferentes momentos

temporais, então é possível realizar uma análise longitudinal usando dados transversais (Bollen, 1989).

Neste estudo foi considerada uma análise fatorial confirmatória multi-grupos com o objetivo de aferir a existência de comportamentos diferentes por parte dos agregados nos dois momentos temporais, 2007 e 2015, em termos do modelo de medida da privação material.

Assim, foram constituídos dois grupos, um correspondendo ao ano de 2007 e outro correspondendo ao ano de 2015. Para cada um destes foi definido o mesmo modelo de medida da privação material. De seguida foram impostas restrições de igualdade entre os parâmetros dos dois grupos, designadamente ao nível dos pesos factoriais. Do ponto de vista estatístico, dois modelos, em que um deles é submodelo do outro, podem ser comparados calculando a diferença entre os valores de χ^2 dos dois modelos ($\Delta\chi^2$). Os correspondentes graus de liberdade (Δgl) são dados pela diferença de graus de liberdade dos dois modelos. A hipótese nula em teste é a da invariância dos parâmetros nos dois modelos, devendo o valor de $\Delta\chi^2$ obtido ser comparado com o valor crítico de uma distribuição de χ^2 com graus de liberdade dados por Δgl . Rejeitar a hipótese nula corresponde a concluir que os dois modelos não são equivalentes.

Os modelos considerados para comparação na análise multi-grupos são:

M_0 : Modelo base, sem restrições de invariância entre os dois grupos (amostras em 2007 e 2015);

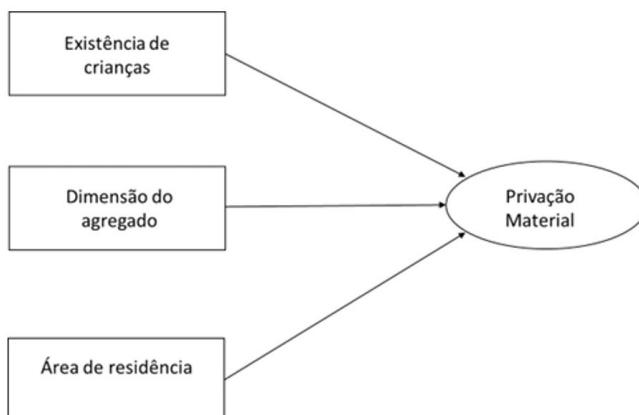
M_1 : Modelo com a restrição de invariância dos pesos factoriais nos dois grupos.

A hipótese a testar é

H_0 : Modelo M_1 é válido face a M_0 , isto é, existe invariância dos pesos factoriais nos dois momentos temporais.

Posteriormente, com o objetivo de encontrar possíveis determinantes do conceito de privação material foi usado um modelo de equações estruturais, considerando a existência de crianças no agregado, dimensão do agregado e a área de residência como variáveis explicativas (figura 2). A utilização destes determinantes está, obviamente, condicionada pelas variáveis disponíveis na base de dados ao nível do agregado. Por outro lado, estudos como Ayala et al. (2021), Fabrizi et al. (2020) e Kim (2019) abordam a problemática da privação material (e/ou pobreza) em meio rural, bem como em famílias com crianças.

Figura 2 – Modelo de equações estruturais com determinantes.



Fonte: Autor (2023, p. 8)

A modelação estatística foi efetuada com recurso ao software LISREL10 (Jöreskog e Sörbom, 2018). Uma vez que as variáveis observadas são assumidas como ordinais, foram calculadas correlações policóricas. O método de estimação considerado nas modelações propostas foi o dos mínimos quadrados ponderados (*Weighted Least Squares*).

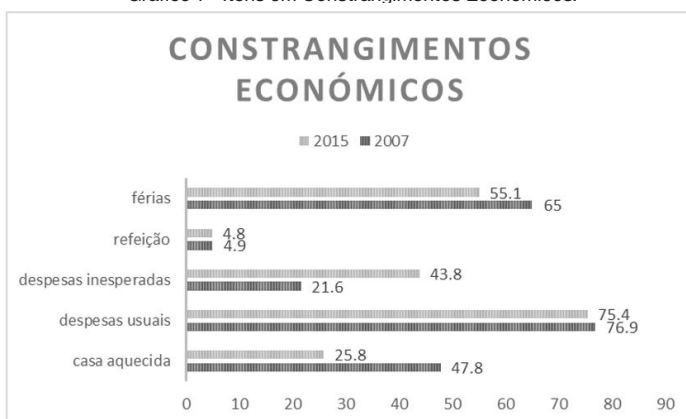
4 RESULTADOS

Este trabalho teve por base as respostas válidas de 4304 agregados em 2007 e de 8731 agregados em 2015. Comparando as respostas das famílias nestes dois anos, em relação à dimensão constrangimentos económicos é de salientar o aumento da proporção de agregados que afirma não ter capacidade financeira para: i) satisfazer as despesas e encargos usuais; ii) fazer face às despesas inesperadas; iii) ter uma refeição de carne ou peixe pelo menos de dois em dois dias; e iv) fazer uma semana de férias uma vez por ano fora de casa. Importa ainda sublinhar a elevada percentagem de famílias que não tem capacidade financeira para satisfazer as despesas e encargos usuais, 76.9% em 2007 e 75.4% em 2015. A percentagem de famílias que não consegue fazer férias fora de casa uma vez por ano é 65% e 55.1% , respetivamente em 2007 e 2015. Por outro lado, refira-se a diminuição percentual de famílias que afirma não ter capacidade para manter a casa aquecida, de 47.8% em 2007 para 25.8% em 2015, assim como, o aumento percentual de famílias que referem não possuir capacidade financeira para satisfazer despesas inesperadas, 21.6% em 2007 face a 43.8% em 2015 (gráfico 1).

Na dimensão posse de bens refira-se a diminuição em 2015 da percentagem de agregados que afirma não ter disponibilidade económica para possuir os diversos bens considerados. Possuir veículo ligeiro de passageiros é o bem que maior número de agregados afirma não ter disponibilidade económica para possuir, 12.1% em 2007 e 9.2% em 2015. De salientar que a percentagem de agregados privados deste bem diminui em 2015 face a 2007 (gráfico 2).

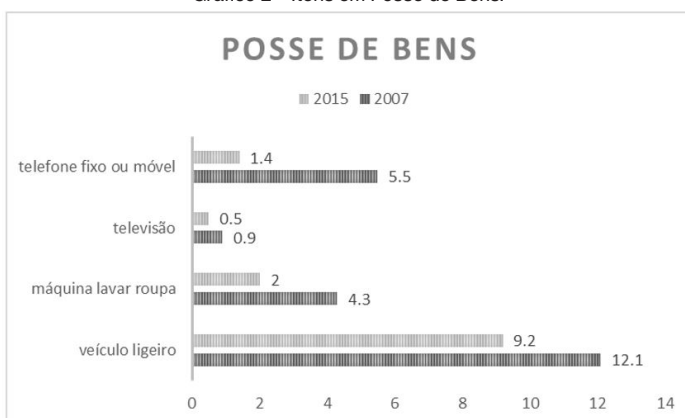
Na dimensão condições da habitação, embora a percentagem de agregados sem retrete, sem instalações de banho ou duche e luz insuficiente na habitação tenha diminuído de 2007 para 2015, merece destaque o aumento da percentagem de famílias com problemas com o telhado, fundações, caixilhos e chão, de 20.5% em 2007 para 28.9% em 2015 (gráfico 3).

Gráfico 1 – Itens em Constrangimentos Económicos.



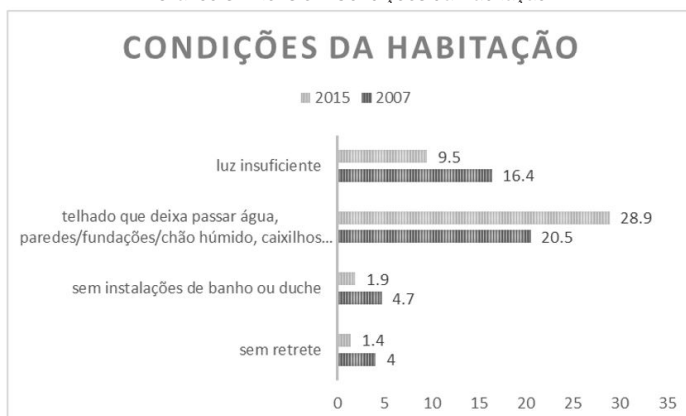
Fonte: Autor (2023, p. 9)

Gráfico 2 – Itens em Posse de Bens.



Fonte: Autor (2023, p. 9)

Gráfico 3 – Itens em Condições da Habitação.



Fonte: Autor (2023, p. 9)

Tabela 1 – Percentagem de famílias em privação material em cada dimensão.

	Constrangimentos Económicos		Posse de Bens		Condições da Habitação	
	2007	2015	2007	2015	2007	2015
0 itens	16.6%	18.5%	82.7%	89.0%	67.2%	65.8%
1 item	16.3%	20.0%	13.2%	9.3%	23.8%	27.9%
2 itens	20.6%	20.0%	3.1%	1.3%	6.3%	5.4%
3 itens	29.2%	24.2%	0.8%	0.3%	1.6%	0.7%
4 itens	15.0%	14.1%	0.2%	0.1%	1.1%	0.2%
5 itens	2.3%	3.2%				

Fonte: Autor (2023, p. 11)

Na tabela 1 é apresentada a percentagem de agregados afetados pela privação material, isto é, o número de itens em falta em cada uma das suas três dimensões, nos anos de 2007 e 2015. De salientar que, zero itens significa não estar privado nessa dimensão e cinco itens significa estar privado de todos os itens. Na dimensão constrangimentos económicos 67.1% dos agregados afirma não ter capacidade financeira para satisfazer dois ou mais itens em 2007, sendo esse valor de 61.5% em 2015. Em sentido inverso, uma grande percentagem de agregados, 82.7% e 89%, mostra não estar em privação na dimensão posse de bens, nos anos de 2007 e 2015, respetivamente. Na dimensão das condições da habitação, 67.2% e 65.8% mostram não estar privados, em 2007 e 2015, respetivamente.

Tendo como objetivo o estudo da privação material nas suas três dimensões, foi utilizado um modelo de análise fatorial confirmatória para estimar, em cada momento temporal, um modelo de medida para a privação material, em que esta se considera

medida por três dimensões (figura 1). Cada indicador corresponde à soma dos itens considerados na respetiva dimensão.

Na tabela 2 são apresentados os valores obtidos para os pesos fatoriais nos dois diferentes momentos temporais considerados, numa solução estandardizada. Entre parênteses estão os valores dos testes t à hipótese nula de que o peso fatorial é nulo. Os resultados obtidos mostram que todos os indicadores apresentam pesos fatoriais significativos (ver valores t) e que as dimensões com maior peso são os constrangimentos económicos e a posse de bens, em ambos os momentos temporais, embora em 2007 o valor mais elevado corresponda à posse de bens e em 2015 aos constrangimentos económicos. O peso do indicador das condições da habitação na definição de privação material é menor em 2015 do que em 2007, passando de 0.53 para 0.42. Sendo, o valor 0.42 considerado abaixo do recomendado.

Tabela 2 – Estimativas dos pesos factoriais (f's) e os valores dos testes t (dentro de parênteses).

	2007	2015
Constrangimentos económicos	0.73(t=33.33)	0.78(t=30.21)
Posse de Bens	0.78(t=30.29)	0.75(t=28.45)
Condições da Habitação	0.53(t=24.81)	0.42(t=23.54)

Fonte: Autor (2023, p. 11)

Posteriormente foram considerados dois grupos, 2007 e 2015, tendo sido realizada uma análise fatorial confirmatória multi-grupo. Este procedimento estatístico teve como propósito detetar possíveis diferenças no modelo de medida da privação material nos dois momentos temporais em estudo. Face aos resultados obtidos, não é possível concluir que existe invariância do modelo para os dois grupos distintos ($\Delta\chi^2 = 38.92$, com $\Delta df = 2$), isto é, a estrutura fatorial apresenta diferenças significativas entre os dois diferentes grupos, anos de 2007 e 2015. Então, é possível concluir que a privação material experienciada pelas famílias apresenta diferenças entre os anos de 2007 e 2015.

Neste estudo, com o objetivo de encontrar possíveis características dos agregados que pudessem explicar a privação material por eles experienciada, foram ainda utilizadas como variáveis caracterizadoras dos agregados, a existência de crianças no agregado (categoria de referência: não existem crianças no agregado), a dimensão do agregado e a área de urbanização do local onde o agregado reside (grandes cidades, cidades média e zona rural). Para esta última foram criadas duas variáveis *dummy*, sendo a categoria de referência zona rural.

De seguida foi estimado o modelo de equações estruturais apresentado na figura 2. Para as variáveis explicativas existência de crianças e dimensão do agregado, os

valores obtidos para as estimativas dos parâmetros em 2007 (-0.16 e -0.14) e em 2015 (-0.11 e -0.10), permitem concluir que a privação é menor quando existem crianças no agregado e em famílias maiores. Para a área de residência, os valores estimados dos parâmetros mostram conclusão idêntica nos dois diferentes momentos de tempo. Em ambos os anos, famílias residentes em grandes ou médias cidades mostram estar menos privadas do que as que vivem em meio rural (tabela 4).

Tabela 4 – Efeito das variáveis explicativas na privação material e os valores dos testes t (dentro de parênteses).

	Privação Material 2007	Privação Material 2015
Existência de crianças	-0.16 (t=-6.34)	-0.11 (t=-5.50)
Dimensão do agregado	-0.14 (t=-10.02)	-0.10 (t=-5.74)
Área de residência		
• Grandes cidades	-0.69 (t=-56.25)	-0.69 (t=-79.21)
• Cidades médias	-0.67 (t=-56.56)	-0.69 (t=-78.87)

Fonte: Autor (2023, p. 12)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação de um modelo de análise fatorial confirmatória, em cada um dos momentos temporais, 2007 e 2015, permite concluir que os constrangimento económicos e a posse de bens são as variáveis com maior peso na definição do conceito de privação material. Os valores obtidos para as estimativas dos pesos fatoriais da variável condições da habitação estão no limite do aceitável, estando esta conclusão em linha com os resultados apresentados por Guio (2005, 2009).

A estabilidade da estrutura fatorial do conceito de privação material nos momentos temporais considerados foi testada recorrendo a uma análise multi-grupos, permitindo concluir pela não existência de estabilidade no conceito de privação material experienciada pelas famílias em 2007 e 2015. Na realidade, os pesos para as dimensões de posse de bens e condições da habitação decresceram e para os constrangimentos económicos aumentaram em 2015 face a 2007. Por outro lado, o peso do indicador das condições de habitação assumiu valores abaixo do considerado aceitável pela literatura (Bollen, 1989; Hair et al., 2019).

A existência de crianças no agregado, a dimensão do agregado e a área de residência foram consideradas como variáveis explicativas do conceito de privação material recorrendo a uma modelo de equações estruturais. Os resultados permitem afirmar que agregados com crianças e agregados com maior dimensão apresentam menor privação, em ambos os momentos temporais. Por outro lado, agregados que

residem em grandes ou médias cidades vivenciam menos privação face aos que residem em zonas rurais.

Em conclusão, pode ser afirmado que os dados utilizados neste estudo permitem uma análise ao conceito de privação material adotado, em cada um dos momentos temporais, 2007 e 2015. Assim como, perceber a existência de diferenças neste conceito ao longo do tempo, antes e depois da crise, recorrendo a uma análise fatorial multi-grupo para realizar uma análise longitudinal. Foi ainda, possível estabelecer alguns determinantes para a explicação deste fenómeno social.

REFERÊNCIAS

Ayala, L.; Jurado, A. e Pérez-Mayo, J. (2021) Multidimensional deprivation in heterogeneous rural areas: Spain after the economic crisis. *Regional Studies*, n.55, v.5, pp. 883-893.

Betti, G.; Verma, V. (2004) A methodology for the study of multi-dimensional and longitudinal aspects of poverty and deprivation. *Proceedings do IAOS-IASS Joint Conference*.

Betti, G.; Gagliari, F.; Lemmi, A.; Verma, V. (2011) Subnational indicators of poverty and deprivation in Europe: Methodology and applications. *Cambridge Journal of Regions, Economy and Society*, pp. 1-19.

Bollen, K. (1989) *Structural Equations with Latent Variables*. New York: Wiley.

Dekkers, G. J. M. (2008) Are you unhappy? Then you are poor! Multi-dimensional poverty in Belgium. *International Journal of Sociology and Social Policy*, n.28, v.11/12, pp. 502-515.

Eroglu, S. (2007) Developing an index of deprivation which integrates objective and subjective dimensions: Extending the work of Townsend, Mack and Lansley and Halleröd. *Social Indicators Research*, n.80, pp.493-510.

Fabrizi, E. e Mussida, C. (2020) Assessing poverty persistence in households with children. *The Journal of Economic Inequality*, n.18, v.4, pp.551-569.

Fabrizi, E.; Mussida, C. e Parisi, M.L. (2023) Comparing Material and Social Deprivation Indicators: Identification of Deprived Populations. *Social Indicators Research*, n.165, pp.999-1020.

Guio, A-C. (2005) Material Deprivation in the EU. *Statistics in Focus – Population and Social Conditions*, n.21.

Guio, A-C. (2009) *What can be Learned from Material Deprivation Indicators in Belgium and in its Regions*. Institut Wallon de L'Évaluation de la Prospective et de la Statistique, 901.

Guio, A-C.; Marlier, E. (2013) *Alternative vs current measures of material deprivation at EU level: What differences does it make?* CEPS/INSTEAD Research Institute, working paper n. 2013-29.

Hair, J. F.; Black, W. C.; Babin, B. J. e Anderson, R.E. (2019) *Multivariate Data Analysis, 8th edition*. Hampshire: Cengage Learning.

Halleröd, B.; Sour Grapes: Relative Deprivation, Adaptive Preferences and the Measurement of Poverty. *Journal of Social Policy*, n. 35, v.3, pp.371-390, 2006.

Halleröd, B.; Gordon, D.; Larsson, D. Ritakallio, V-M. (2006) Relative deprivation: a comparative analysis of Britain, Finland and Sweden. *Journal of European Social Policy*, n.16, v.4, pp.328-345.

Halleröd, B.; Larsson, D. (2008) Poverty, welfare problems and social exclusion. *International Journal of Social Welfare*, n.17, pp.15-25.

Jöreskog, K.G.; Sörbom, D. (2018) *LISREL versão 10*, Scientific Software International, Inc..

Kim, H. (2019) Beyond monetary poverty analysis: The dynamics of multidimensional child poverty in developing countries. *Social Indicators Research*, n.141, v.3, pp.1107-1136.

Mack, J.; Lansley, S. (1985) *Poor Britain*. London: George Allen & Unwin, Ltd.

Nolan, B.; Whelan, C. (2010) Using Non-Monetary Deprivation Indicators to Analyse Poverty and Social exclusion: Lesson's from Europe?. *Journal of Policy Analysis and Management*, n.29, v.2, pp.305-325.

Paugam, S. (1996) Poverty and social disqualification: A comparative analysis of cumulative disadvantage in Europe. *Journal of European Social Policy*, n.6, v.4, pp. 166-174.

Pérez-Mayo, J. (2005) Identifying deprivation profiles in Spain: A new approach. *Applied Economics*, n.37, v.8, pp.943-955.

Saunders, P.; Naidoo, Y. e Griffiths, M. (2008) Towards new indicators of disadvantage: Deprivation and social exclusion in Australia. *Australian Journal of Social Issues*, n.43, pp.175-194.

Sen, A. K. (1987) *The standard of living*. Cambridge: Cambridge Press.

Townsend, P. (1979) *Poverty in United Kingdom*. London: Hardmonsworth, Penguin Books.

Whelan, C. T.; Layte, R.; Maître, B.; Nolan, B. (2001) Income, Deprivation and Economic Strain. An analysis of the ECHP. *European Sociological Review*, n.40, pp.115-139.

Whelan, C. T.; Maître, B. (2007) Measuring material deprivation with EU-SILC: Lessons from the Irish survey. *European Societies*, n.9, v.2, pp.147-173.

Whelan, C. T.; Maître, B. (2012) Understanding material deprivation in Europe: A Multilevel Analysis. Amsterdam: AIAS, GINI, Discussion Paper 37.

SOBRE O ORGANIZADOR

Luis Fernando González-Beltrán - Doctorado en Psicología. Profesor Asociado de la Facultad de Estudios Superiores Iztacala (FESI) UNAM, Miembro de la Asociación Internacional de Análisis Conductual. (ABAI). de la Sociedad Mexicana de Análisis de la Conducta, del Sistema Mexicano de Investigación en Psicología, y de La Asociación Mexicana de Comportamiento y Salud. Consejero Propietario perteneciente al Consejo Interno de Posgrado para el programa de Psicología 1994-1999. Jefe de Sección Académica de la Carrera de Psicología. ENEPI, UNAM, de 9 de Marzo de 1999 a Febrero 2003. Secretario Académico de la Secretaría General de la Facultad de Psicología 2012. Con 40 años de Docencia en licenciatura en Psicología, en 4 diferentes Planes de estudios, con 18 asignaturas diferentes, y 10 asignaturas diferentes en el Posgrado, en la FESI y la Facultad de Psicología. Cursos en Especialidad en Psicología de la Salud y de Maestría en Psicología de la Salud en CENHIES Pachuca, Hidalgo. Con Tutorías en el Programa Alta Exigencia Académica, PRONABES, Sistema Institucional de Tutorías. Comité Tutorial en el Programa de Maestría en Psicología, Universidad Autónoma del Estado de Morelos. En investigación 28 Artículos en revistas especializadas, Coautor de un libro especializado, 12 Capítulos de Libro especializado, Dictaminador de libros y artículos especializados, evaluador de proyectos del CONACYT, con más de 100 Ponencias en Eventos Especializados Nacionales, y más de 20 en Eventos Internacionales, 13 Conferencia en Eventos Académicos, Organizador de 17 eventos y congresos, con Participación en elaboración de planes de estudio, Responsable de Proyectos de Investigación apoyados por DGAPA de la UNAM y por CONACYT. Evaluador de ponencias en el Congreso Internacional de Innovación Educativa del Tecnológico de Monterrey; Revisor de libros del Comité Editorial FESI, UNAM; del Comité editorial Facultad de Psicología, UNAM y del Cuerpo Editorial Artemis Editora. Revisor de las revistas "Itinerario de las miradas: Serie de divulgación de Avances de Investigación". FES Acatlán; "Lecturas de Economía", Universidad de Antioquía, Medellín, Colombia, Revista Latinoamericana de Ciencia Psicológica (PSIENCIA). Buenos Aires, Revista "Advances in Research"; Revista "Current Journal of Applied Science and Technology"; Revista "Asian Journal of Education and Social Studies"; y Revista "Journal of Pharmaceutical Research International".

<https://orcid.org/0000-0002-3492-1145>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adherencia al tratamiento 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8

Adultos mayores 1, 4, 5, 6, 7, 8

Análise longitudinal 177, 184, 190

Aprendizaje 29, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 56, 57, 58, 105, 112, 122, 124

B

Biblioteca escolar 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99

Bulimia 10, 11, 13, 14, 15

C

Campañas de información 61, 63

Concertación 151, 157, 159

Contextos interculturales 119

COVID-19 16, 17, 21, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 52, 53, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 89, 110, 111, 114, 117, 140

D

Dados em painel 74, 85

Dialogo político 151, 152, 156, 157, 158, 160

Docentes universitarios 27, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 42, 43, 45

Documentos recepcionales 110

E

Educación 8, 10, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 57, 58, 59, 60, 101, 102, 104, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 117, 118, 119, 124, 157

Educación a distancia 27, 34, 40, 50, 59

Emociones 40, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 60

Enfermedad crónica 1, 3, 4, 6, 7

Ensino Superior 16, 17, 18, 21, 22, 25, 26, 76, 80

Estrés 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 56, 66, 67

Estudiantes 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 76, 77, 90, 91, 98, 101

Estudantes internacionais 16, 19, 20, 25, 26

F

Family 1, 2, 9, 177

Fatores de risco 74, 80, 82, 85, 86, 88, 172

Fontes de informação 90, 91, 92, 93, 95, 96, 99

Formação de leitores 90, 92, 93, 96, 97, 99

Formación integral 44, 100, 101, 103, 104, 105, 109

Foro 110, 113, 114, 115, 116, 128, 156

G

Guatemala 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

H

Habilidades sociales 48, 58, 100, 101, 103, 105, 109

I

Insucesso escolar 74, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89

Integración 108, 112, 113, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160

Investigación 5, 7, 10, 12, 14, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 45, 47, 51, 53, 56, 59, 62, 100, 105, 110, 112, 113, 114, 120, 123, 127, 131, 132, 133, 134, 158

L

Leitura 79, 81, 82, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99

M

Medios sociales 61, 62, 63, 69

Memoria colectiva 125, 127, 128, 130, 131, 135, 136, 141, 142

México 2, 3, 5, 8, 10, 11, 14, 31, 32, 33, 34, 37, 38, 45, 47, 48, 52, 53, 58, 59, 60, 100, 101, 102, 104, 109, 153

Modelo de equações estruturais 177, 179, 184, 185, 188, 189

Movimientos sociales 125, 127, 129, 130, 131, 135, 136, 142

N

Não-violência 162

Norte del Cauca 119, 120, 121, 124

NUTS II 74, 84

P

Pandemia 16, 17, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 58, 59, 60, 63, 64, 68, 84, 89, 110, 114, 117, 118, 140, 141

Portugal 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 74, 76, 80, 81, 85, 177

Prática profissional 161, 162, 167

Privação material 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 190

Pueblos indígenas 125, 128, 129, 134, 137, 138, 141, 143, 144, 146

R

Respostas 16, 19, 21, 22, 163, 185

S

Salud 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 28, 29, 33, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 114, 158

Segurança pública 161, 162, 163, 164, 165, 167, 173, 174, 175, 176

Servicio social 100, 101, 102, 103, 104, 105, 108, 109, 113

Serviço social 100, 101, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 173, 175, 176

Sociología política 125

Sucesso escolar 74, 76, 78, 81, 82, 89

T

Tecnología 27, 28, 34, 40, 45, 90, 111, 160

Trabajo Social 119, 121

Trastorno alimenticio 11, 14

U

UNASUR 151, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160

V

Virtualidad 45, 110